

EDITORIAL

EDUCAÇÃO NO BRASIL EM TEMPOS DE NEOCONSERVADORISMO: DESAFIOS E DESABAFOS SOBRE UM FUTURO PRÓXIMO!

EDUCACIÓN EN BRASIL EN TIEMPOS DE NEOCONSERVADORISMO: RETOS Y DESABAFOS SOBRE UN FUTURO SIGUIENTE!

EDUCATION IN BRAZIL IN TIMES OF NEOCONSERVADORISM: CHALLENGES ABOUT A NEAR FUTURE!



Ivo Dickmann

educador.ivo@unochapeco.edu.br

Élcio Cecchetti

elcioc@unochapeco.edu.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: DICKMANN, I.; CECCHETTI, E. Educação no Brasil em tempos de neoconservadorismo: desafios e desabafos sobre um futuro próximo!. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 20, n. 45, p. 7-10, set./dez.



Caros leitores, caras leitoras!

Em 2018 a Revista Pedagógica completou 20 anos, e a capa da primeira edição prestou homenagem a Marielle Franco, mulher negra, homossexual e moradora da periferia carioca que foi brutalmente assassinada. Lutadora e defensora popular dos direitos humanos e sociais de toda a população excluída do nosso país, sua morte ainda não foi esclarecida pelas autoridades.

Na segunda edição, apresentamos um dossiê sobre *Ensino Religioso na América Latina*, no intuito de fortalecer o crescente movimento nacional e internacional pelo reconhecimento da diversidade religiosa de nossas sociedades. Isso irremediavelmente requer a transformação intercultural do ensino da religião nas escolas, que historicamente serviu como instrumento de colonização e homogeneização de corpos e mentes. Neste sentido, o Ensino Religioso não confessional é uma alternativa viável para o estudo dos fenômenos religiosos de forma científica e respeitosa, sem proselitismos.

Na mesma linha, fechamos 2018 com um dossiê sobre o *Pensamento decolonial e o ensino de História*. Em tempos de golpes contra a democracia, de programas e projetos de lei que buscam criminalizar o fazer pedagógico dos professores e das professoras, e de instituição de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) centrada numa visão eurocêntrica, os educadores e educadoras de História assumem centralidade na discussão sobre temas que são recorrentemente criticados como “ideologia” e prática de “doutrinação” dos estudantes. Por isso, a necessidade de reforçar o pensamento decolonial latino-americano, seja para analisar como incidem as políticas neo-liberais-conservadoras sobre o ensino de História, seja para fortalecer práticas pedagógicas que promovam a decolonialidade do saber, poder, ser e viver.

As temáticas abordadas em 2018 reafirmam a identidade da Revista Pedagógica de acolher e debater em suas capas, editoriais e dossiês, temáticas e problemáticas pertinentes às discussões educacionais de



nosso país e continente, contando com a colaboração de autores e autoras nacionais e internacionais, que se juntam num movimento de reflexão da prática pedagógica de forma crítica e propositiva.

Em um olhar mais aguçado e prospectivo, podemos prever que o próximo quadriênio, depois das eleições de outubro de 2018, vislumbra-se um cenário de reforço do neoconservadorismo e aprofundamento do neoliberalismo, presente na campanha político-partidária do futuro presidente do Brasil. Isso já ficou evidente nas decisões que estão sendo tomadas por ele e sua equipe de transição: escolhas de ministros e ministras acusados por atos de corrupção e desrespeito ao erário público; fusão e eliminação de ministérios importantes como o do Trabalho e a Secretaria de Promoção da Igualdade Racional (SEPIR); criação de “super pastas” para premiar correligionários; alianças com partidos tradicionais e fisiologistas; subserviência às grandes corporações internacionais e ao governo norte-americano. O quadro ministerial que se configurou, resume-se basicamente em três grupos: os técnicos; os políticos e os militares (como se técnico e militar não fossem políticos, não tivessem ideologia, mas tudo bem...).

No quadro dos **técnicos** ficaram os ministérios da Justiça, Economia, Desenvolvimento Regional, Banco Central, Advocacia-Geral da União, Relações Exteriores, e Mulher, Família e Direitos Humanos (embora uma pastora evangélica não seja, necessariamente, uma técnica no assunto; foi indicação política da bancada evangélica). No quadro dos **políticos** ficaram Casa Civil (DEM), Cidadania (MDB), Agricultura (DEM), Secretaria-Geral da Presidência (PSL), Turismo (PSL), Saúde (DEM), Meio Ambiente (Novo). Nos ministérios dedicados aos **militares** estão a Secretaria de Governo, Infraestrutura, Gabinete de Segurança Institucional, Ciência e Tecnologia, Defesa (óbvio!), Minas e Energia, Controladoria-Geral da União e, pasmem, **Educação**. Ou seja, um governo tripartite, balanceado, tradicional, sem novidades, alinhado ao que vem sendo chamado de neoconservadorismo neoliberal que se efetiva em todo o mundo, pós-eleição de Donald Trump nos EUA.

Esse cenário mostra o que se anuncia na política pública decorrente desta aliança entre tecnocratas político-militares e fundamentalistas religiosos. Não por acaso, o ministério da Educação será comandado por uma pessoa desconhecida pelos educadores, mas alinhado ao anti-movimento Escola Sem Partido e aos discursos de **execração** de Paulo Freire - típico projeto articulado de censura da criticidade e da diversidade nos espaços pedagógicos.

Na lógica da resistência, precisamos analisar e compreender criticamente os rumos desse projeto de poder, onde o Capitão manda no General, em uma inversão perigosa da tradicional hierarquia militar. Os anúncios até agora feitos indicam profundos cortes de investimentos em todas as áreas sociais, passando pela saúde (“menos médicos”), redução dos editais de pesquisa e das bolsas de

estudo, sucateamento das Universidades e Institutos Federais e das escolas públicas. E nessa esteira, pelas demonstrações de subserviência às grandes potências mundiais, especialmente aos EUA, nem se fala em retornar os *royalties* do pré-sal para os campos da saúde e da educação, nem de um pacto democrático em torno do resgate dos direitos fundamentais da população oprimida, pobre, indígena, quilombola, camponeses, favelados, ribeirinha, LGBT, refugiados e imigrantes.

* * *

Nesse terceiro número de 2018, a Revista Pedagógica está dividida em duas partes, a primeira é um dossiê sobre o pensamento decolonial e o ensino da História, tema pertinente em tempos de BNCC do Ensino Médio recentemente aprovado. Na seção de artigos de demanda contínua temos seis artigos que apresentam temas atuais da educação em diálogo com o nosso contexto anunciado anteriormente.

O primeiro artigo, do chileno Aldo Ocampo González, do Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI), intitulado **Condiciones de producción de la Educación Inclusiva**, afirma que “la epistemología de la Educación Inclusiva orienta su actividad hacia la creación de conceptos, herramientas metodológicas y saberes que permitan leer críticamente el presente.” No nosso entendimento, é um artigo que apresenta uma visão diferenciada sobre o tema e merece destaque dentro dessa edição.

O segundo artigo, **Entre o prescrito e o vivido: o PROEJA no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus de Formosa (2010-2015)**, de Roberta Gama Brito, Gabriel Humberto Muñoz Palafox, da Universidade Federal de Tocantins, trata via materialismo histórico-dialético da instalação da Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de Goiás.

O terceiro artigo, autoria de Marcela de Moraes Agudo, Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis, Lucas André Teixeira, da UNESP Bauru-SP, intitulado **Reflexões sobre a educação no projeto de aprofundamento do neoliberalismo no Brasil**, trata diretamente das questões relativas ao nosso editorial, contribuindo para um desvelamento da realidade que estamos imersos de aprofundamento do neoliberalismo e da pertinente e necessária problematização dos retrocessos na educação nos últimos tempos que estamos vivendo, nos contextos econômico, político e social.

O quarto artigo, **A educação ambiental estética e as relações de pertencimento no processo de ambientalização curricular**, dos colegas da FURG de Rio Grande-RS, Junior Cesar Mota, Cláudia da Silva Cousin, Dione Iara Silveira Kitzmann, aborda a ambientalização curricular pelo viés estético, foco pouquíssimo estudado e que, de alguma forma, sinaliza possíveis pesquisas futuras de um campo em expansão que é a Educação Ambiental Crítica.

O quinto artigo, **O estado do conhecimento sobre estágio supervisionado nas licenciaturas**, de autoria de Fábio Antonio Gabriel e Ana Lúcia Pereira da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e de Danilo Augusto Ferreira de Jesus (IFPR), trata de um estado da arte que conclui: “Estágio Supervisionado é o momento oportuno do acadêmico assimilar saberes da experiência para, paulatinamente, construir sua identidade profissional e, desse modo, poder ter condições de ser um bom professor quando chegar seu momento de atuar profissionalmente.”

O sexto artigo da seção, de Aline Fatima Lazarotto e Silvia Maria Fávero Arendt da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), intitulado **Imprensa no Oeste de Santa Catarina: um discurso em prol da instrução pública para as crianças durante o Estado Novo**, é uma análise das notícias vinculadas sobre a escolarização das crianças no oeste catarinense no século XX, mostrando a sintonia entre o que era vinculado na imprensa e a intencionalidade do governo do estado na época.

Assim, desejamos a todos e todas uma excelente leitura e a nos colocamos abertos ao diálogo sobre os temas. Um grande abraço!